

Mhairi McFarlane

AUTORA DE NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM



TOP
SEL
LER

«O humor e a seriedade das personagens transformam este enredo familiar em algo fresco, divertido e genuinamente comovente.»

Publishers Weekly

*Para a minha irmã Laura,
a Lisa Simpson humana.*

1

Dan

A que horas achas que voltas hoje? Mais ou menos.

Laurie

Não sei. EM BREVE, ESPERO.

Dan

Esperas?

Laurie

Pediram todas framboesas nos *Proseccos*. 😊

Dan

Pensei que gostavas de *Prosecco*. E de framboesas.

Laurie

Gosto! Também tenho um. 😊 Mas remete para determinado tipo de saída só de raparigas que não é muito o meu género. Chamam-lhe «bolhinhas atrevidas». 😊

Dan

O teu problema é que há outras pessoas que também gostam? Não me consigo imaginar a criticar uma saída noturna como «houve quem pedisse a mesma bebida». 😊

Laurie

... A não ser quando dizes que odeias as festas só de rapazes «que começam com a compra de cinco litros de *Stella Artois* às 7 da manhã em Gatwick Spoons».

Dan

Não consegues deixar de ser advogada nem por um minuto, pois não?

Laurie

Hum-Hum. O que querias dizer era «apanhaste-me em flagrante, Loz». 😊

Dan está a escrever

...

Dan está a escrever

...

Visto hoje pela última vez às 21h18

Dan deve ter reconsiderado a sua resposta. Laurie desligou o telemóvel e voltou a guardá-lo na mala.

Obviamente, não se importava com o cliché, álcool era álcool, não passava de fanfarronice, numa *tentativa de ser espirituosamente mordaz*. Era um pedido de ajuda. Laurie estava à deriva no mar e o telemóvel parecia-lhe a sua única ligação à costa. Aquela noite era como um regresso nada bem-vindo às emoções dos intervalos para almoço do secundário, quando se é filho de mãe solteira, sem dinheiro e sem estilo.

Até ao momento, as raparigas tinham debatido os benefícios do *microblading* de sobrancelhas («A Ashley da Stag Communications parece o Eddie Munster»), se o Marcus Fairbright-Page da KPMG era ou não um sacana do pior que parte corações e estruturas de cama (Laurie achava, tendo em conta a informação que recolhera,

que a resposta era um sim enfático, mas também concluiu que ninguém queria ouvir um veredito). E quantos *burpees* era possível realizar numa aula de Treino Intervalado de Alta Intensidade no Virgin Active (quanto a isso, não fazia a mínima ideia).

Eram todas glamorosas e femininas, cuidadosamente arranjadas e produzidas para se apresentarem em público. Laurie sentia-se como um pombo, de penas em desalinho, numa gaiola repleta de aves tropicais chilreantes.

Emily estava em dívida para com ela, sem dúvida. Aquela noite era o resultado de três meses de súplicas mensais da sua melhor amiga e proprietária da empresa de relações-públicas, que implorara a Laurie que participasse no jantar da equipa e o tornasse «menos aborrecido, ou vamos passar a noite toda a debater as novas contas». Emily, enquanto diretora-geral e organizadora, estava sentada à cabeceira da mesa a pagar tudo com o cartão de crédito da empresa e a distribuir azeitonas *Nocellara* e amêndoas caramelizeadas. Laurie, que chegara tarde, estava na extremidade oposta.

— Então, quem era? — perguntou Suzanne, à sua direita. Suzanne tinha um belo cabelo cor de mostarda, liso, que lhe chegava aos ombros, e o olhar de um agente alfandegário.

Laurie virou-se para ela e escondeu a irritação com um sorriso digno de um boneco de ventríloquo.

— Quem era o quê?

— Ao telefone! Estavas com um ar tão intenso. — Suzanne revirou os olhos e imitou um olhar vazio, em transe, como um chimpanzé, as mãos a percorrer um telefone imaginário. Soltou uma gargalhada infantil, alimentada pelo álcool, daquelas que podem soar cruéis.

Laurie respondeu:

— O meu namorado.

A palavra «namorado» parecia algo tola, supôs Laurie, mas «companheiro» era demasiado seco e rígido. E tinha a sensação de que a sua presente companhia já a achava seca e rígida que chegasse.

— Ohhhh... estão no início? — Suzanne penteou com os dedos o cabelo de princesa dos contos de fadas, prendendo-o atrás das orelhas, e levou a flute aos lábios.

— Ah! Ah! Ah! Nem por isso. Já estamos juntos desde os 18 anos. Conhecemo-nos na faculdade.

— Oh, meu *DEUS!* — disse Suzanne. — E *que idade é* que tu tens?

Laurie retesou os músculos do ventre e respondeu:

— Tenho 36.

— Oh, meu *DEUS!* — guinchou Suzanne, mais uma vez, suficientemente alto para chamar a atenção de mais alguns dos presentes. — E têm estado juntos este tempo todo? Sem casos ou separações? Tipo, ele é o teu primeiro namorado?

— Sim.

— Eu *não* teria conseguido fazer isso. Oh, meu Deus. Uau. Ele foi o teu... — Suzanne baixou a voz — *primeiro-primeiro?*

Laurie estremeceu por dentro.

— Isso é um bocadinho pessoal, depois de apenas duas bebidas, não?

Mas Suzanne estava imparável.

— Oh, por amor à santa! Oh, *não! Cre-DO!* — disse alegremente, como se estivesse a ser divertida e não crítica, lasciva e, em geral, horrível. — Mas não são casados?

— Não.

— Querem ser?

— Nem por isso — disse Laurie, com um encolher de ombros. — Não sou fervorosamente a favor ou contra o casamento.

— Talvez quando tiverem filhos? — tentou Suzanne. Oh, que subtil. *Vai dar uma volta ao bilhar grande.*

— Tu és casada? — perguntou Laurie.

— Não! — Suzanne abanou a cabeça e fez ondular o seu cabelo encantador. — Mas quero estar casada quando chegar aos 30, sem dúvida. Tenho quatro anos para encontrar o tipo certo.

— Porquê até aos 30?

— Sinto que não quero ficar na prateleira. — Fez uma pausa.

— Sem ofensa.

— Claro.

Laurie considerou por breves instantes a possibilidade de dizer: *Sabes que é uma grande falta de educação, certo? Quer dizer, sabes que não podes espetar um «sem ofensa» no final da frase, como se isso apagasse a ofensa?* E depois efetuou os habituais cálculos britânicos sobre os dez segundos de triunfo não compensarem as horas de embaraço e hostilidade que se seguiriam.

— Quem é que faz o teu bronzado? É exuberante — disse Carly, de top cintilante, sentada do outro lado de Suzanne, e Laurie quase fungou de incredulidade. O que se seguiria: «E quem é que te faz a permanente?»

Na verdade, não sabia porque sentia tamanha incredulidade. Se Laurie tivesse uma libra por cada vez que alguém emitia um comentário sobre a cor da sua pele, teria uma hipoteca bem mais pequena em Chorlton. As pessoas que navegavam pela alta sociedade com um aspeto convencional, caucasiano, de altura normal, com todos os membros no lugar, não faziam ideia de como as pessoas conseguem ser chocantemente diretas em relação às diferenças físicas óbvias, pensou.

— A minha mãe é da Martinica — disse Laurie, enquanto esperava por um sinal de humilhação no rosto de Carly, ao tomar consciência do que fizera.

Afinal, esperara em vão.

— Marti... quê?

— Martinica! A minha mãe é da Martinica! — repetiu Laurie, a gritar, por cima da música, ao mesmo tempo que apontava para o rosto. Seria assim tão difícil identificar uma pessoa de cor à luz das velas?

— A tua mãe chama-se MARTINA ICA?

Que se lixe!

— Vou buscar um *Old Fashioned* — disse Laurie, levantando-se abruptamente. Pensem o que quiserem do nome.

Foi quando os viu, um vislumbre fortuito por entre a multidão em movimento. Laurie sorriu involuntariamente perante o ignóbil entusiasmo de ver, de modo inesperado, algo que não deveria ter visto, enroscados numa banquetta, a cerca de seis metros de distância.

O seu colega de trabalho Jamie Carter estava acompanhado por uma jovem lindíssima. Até aí, nada de inusitado. No entanto, em vez de uma beldade desconhecida, Laurie tinha 99 por cento de certeza de que a mulher com quem ele estava enroscado era a sobrinha do patrão, Eve, que ele fora expressamente avisado para evitar, no dia anterior à sua chegada. Uma verdadeira bomba no que dizia respeito a rumores de escritório. O tipo de bomba capaz de pôr fim a um contrato de trabalho, dependendo de quão protetor fosse o Dr. Salter.

O aviso fora motivo de grandes risadas no escritório: Jamie era, sem dúvida, o tipo de ameaça que exigia que trancassem as filhas à chave.

«Mais valia equiparem o Carter com uma *GoPro*, pelo que ouvi», dissera em tom brincalhão: «A vida secreta de um gato vadio.»

Laurie estava, na altura, a depenicar um saco de uvas pretas sem grainha, e a mais nova entrada no escritório, Jasmine, revelou inadvertidamente ser mais uma apaixonada, corando até assumir o mesmo tom da fruta.

Bem, o que quer que tivesse sido dito pelos seus superiores tivera, sem dúvida, um impacto devastador. Passada uma semana, Jamie já levava a licenciada em Direito de 24 anos para uma saída a dois com direito a *Havana Clubs*.

Laurie tinha de admirar a sua coragem. E decerto não seria a única.

Com exceção da companhia arriscada, The Refuge era, precisamente, o local onde esperava ver um homem como Jamie numa

sexta-feira à noite. *Good Times*, dos Chic, jorrava dos altifalantes e a obra de arte mesmo por cima das suas cabeças, os contornos de uma chaminé fabril desenhados em mosaicos pretos e brancos, declarava O GLAMOUR DE MANCHESTER. Ele e Eve adequavam-se à legenda.

Um bar que se assemelhava a uma catedral cintilante, no interior de um hotel do século XIX, ficava a uns meros 15 minutos a pé do seu escritório em Deansgate. Jamie não se estava propriamente a esconder. Porquê correr tal risco?

Talvez tivesse apenas apostado que não seria apanhado ali, entre os seus colegas, por nenhum dos velhos emproados ou idiotas suburbanos. Sim, devia ser isso, dado que o pouco que Laurie sabia sobre Jamie sugeria que ele apreciaria esse tipo de apostas. Era improvável, por mais de uma razão, que ele se apercebesse da presença dela, no meio de um grupo de mulheres ruidosas na outra ponta da sala.

Era notório que Jamie estava no seu elemento, o rosto belo animado pela história que contava, a palma da mão levada à testa, a certa altura, num gesto teatral, para enfatizar a desilusão ou a vergonha. Eve estava, visivelmente, a apaixonar-se mais a cada instante que passava, os olhos quase a desenhar duas estrelas, como num *emoji*. (E não costumava ele usar óculos, normalmente? Ah, a vaidade.)

Jamie era claramente um perito, um caçador muitíssimo experiente no seu habitat natural. Se Eve sabia que não passava do antílope daquela semana, era outra questão.

Ele tinha o cabelo curto e escuro, com uma certa ondulação, as maçãs do rosto como moldes de sapatos. Tinham ido até ali, diretamente do escritório, ele envergando ainda a camisa branca. E Eve... hum, Eve sabia que iam sair, dado que envergava um fato azul-escuro, de risca fina, o casaco pousado ao seu lado, uma blusa de seda vermelha, brincos compridos, e sapatos de salto agulha a combinar, da cor do *ketchup*. Os sapatos práticos, sem salto, que

usava no escritório decerto enfiados na mala espaçosa (Seria uma *Birkin*? Oh, a vantagem de ter tios ricos...).

Laurie sentiu um arrepio de espanto perante quão bem Jamie e Eve se pareciam dar, por entre as luzes ténues e o aperto de todos aqueles seres jovens e luminosos, os seus rituais de acasalamento, os ventres firmes e a confiança arrojada.

Qual será a sensação de ser solteira?, pensou. Ir para casa e despir-se com alguém que conhecera nessa noite. O horror. Fazê-lo como passatempo, como Jamie Carter fazia, parecia-lhe estranho. Dava graças por Dan. E por regressar a casa para junto de alguém que *era* a sua casa.

Enquanto Laurie esperava atrás das quatro filas de pessoas que se aglomeravam no bar, considerou o Fenómeno Jamie Carter.

A chegada de Jamie tinha causado agitação desde a sua primeira semana na empresa de advocacia da qual faziam parte, como é costume acontecer com os homens de óbvio bom aspeto, e como é costume acontecer com toda a gente num escritório em que as pessoas passam muito do seu tempo numa espécie de cativeiro de jardim zoológico, alimentando-se das distrações. A morte da pausa para o cigarro, na era moderna, apercebeu-se Laurie, fora substituída por um vasculhar dos perfis pessoais das redes sociais em busca de algo de que falar. Laurie sentia-se constantemente grata por a sua vida ser demasiado aborrecida para alguém querer falar sobre ela.

Inicialmente, na Salter & Rowson houve sussurros entusiasmados junto ao dispensador de água, pelo facto de alguém tão elegante como Jamie ainda ser solteiro, o que levantava a questão da sua elegibilidade, como se estivessem num romance de Jane Austen. E, como dissera Diana, ele não tinha «qualquer bagagem», o que Laurie sempre considerou ser uma maneira demasiado rude de se referir a ex-mulheres e filhos.

Depois, com o tempo, os sussurros entusiasmados sobre o facto de ele não parecer especialmente interessado em sair com

alguém em particular, mas desaparecer, noite dentro, com X ou Y. (X ou Y tendiam a ser, como Eve, uma bela estagiária ou a amiga de um funcionário da empresa.) Laurie considerou que só quem nunca conheceu um homem com muitas opções e nada a perder poderia achar que aquela era uma reviravolta inesperada.

Que idade tinha ele, 30? E estava faminto, não apenas por uma variedade de encontros amorosos, mas também pelo avanço profissional, a acreditar na segunda camada de rumores sussurrados acerca dele.

O único aspeto inusitado em relação à reputação de Jamie enquanto engatató circunspeto era o facto de escolher inteligentemente os seus alvos. As estagiárias estavam sempre no final dos seus estágios, a amiga de uma amiga nunca era uma amiga próxima, e aquilo a que os russos chamam *kompromat*¹ era escasso. Como tal, embora se soubesse que ele era um *mulherengo*, nunca era acusado de engatató mal-intencionado, nem era vítima de testemunhos negativos sobre as suas proezas sexuais por uma mulher desprezada. Jamie Carter nunca se metia em problemas. Até agora, talvez.

¹ Informação comprometedoras que pode ser usada para fazer chantagem, desacreditar ou manipular alguém. [N. T.]

2

— **O**lá? — disse uma voz masculina junto ao seu cotovelo.
— Olá — respondeu Laurie, sobressaltando-se quando o tópico das suas considerações apareceu ao seu lado, como se ela o tivesse invocado. Sentiu uma estocada de culpa irracional por ter estado a pensar em Jamie, a espiá-lo.

— Vieste sair esta noite? — perguntou Jamie. Embora disfarçasse bem, Laurie percebeu que ele estava apreensivo. Nunca tinham falado no trabalho, conheciam-se apenas de vista. Ele não sabia como ela era nem se podia tirar partido da sua boa vontade.

Eram ambos advogados: Laurie conseguia desconstruir o processo de pensamento por detrás daquela abordagem. Ele vira-a, logo havia uma boa possibilidade de ela o ter visto com Eve. Mais valia enfrentá-la e agir como se não estivesse a fazer nada de errado do que permitir que Laurie criasse uma história para contar.

— Sim. A participar no jantar da empresa de uma amiga. Tu?

— Só a beber um copo depois do trabalho.

Hum-hum, a sério? Brincou com a ideia de lhe perguntar «com quem?», mas tinha bebido um bocadinho demais para avaliar se soaria óbvio.

— O que vais beber? Para o caso de eu ser servido primeiro — disse ele.

Agora estava a recorrer ao suborno.

— Um *Old Fashioned*.

— Só isso? Estás na fila para vir buscar uma bebida? Onde é que estás sentada?

Laurie apontou para a zona de jantar.

— Sabes que têm serviço de mesa?

— Queria mudar de ares — comentou Laurie. — Tu estás onde?

Sim, ela também sabia jogar jogos mentais. Cavalo para Torre!

— Também — disse Jamie. — Da última vez, a empregada demorou demasiado tempo. Atenção, isto é uma carnificina.

Hum. Ele tinha-a visto, entrou em pânico e arranjou uma desculpa para a seguir até ali.

Laurie reparou, enquanto ele falava, que os incisivos estavam ligeiramente inclinados para dentro, como um vampiro pouco convicto. Desconfiava que aquele era o verdadeiro segredo da sua incrível atratividade, a falha deliberada no seu tapete Navajo. Caso contrário, era pouco salutar e, francamente, giro demais. De algum modo, os dentes despertavam pensamentos carnisais.

Interromperam a conversa para tentar abrir caminho até ao bar e chamar a atenção do barman. Laurie foi servida primeiro e voluntariou-se para comprar a bebida de Jamie, mas ele não lho permitiu.

Estava mais convencida de que se tratava de não querer que ela descobrisse que ele ia pedir uma imperial e um *Prosecco* com uma framboesa a boiar, o que deixava claro que se tratara de uma saída a dois, do que uma questão de cavalheirismo. Ainda assim, Laurie ouviu-o pedir as bebidas ao empregado. O cocktail dela demorou tempo suficiente a preparar e acabaram por regressar juntos às respetivas mesas, depois de trocarem comentários desajeitadamente gritados sobre como o ambiente *estava agitado*. Quando se aproximaram do destino de Laurie, ele parou e inclinou-se para falar com ela, sobre os decibéis dignos da Motown.

— Posso pedir-te um favor?

Laurie sentiu um toque de suor masculino e *aftershave* elegante. Esforçou-se por manter o rosto sério e fingir que não sabia o que estava para vir.

— O quê?

— Podes não referir... *isto...* no trabalho. Com quem estou? — Acenou para Eve na sua mesa, que estava a estudar-se num espelho compacto. Tinha um tipo de beleza feminina, o cabelo preso num longo rabo de cavalo. Como uma assassina sensual. Laurie semicerrou os olhos e fingiu que só nesse momento se apercebera de quem ela era.

— Oh, porque não? — perguntou Laurie, com falsa inocência.

— Seria visto com muito maus olhos pelos nossos marretas residentes, o Statler e o Waldorf.

Statler e Waldorf eram, desde há muito, as alcunhas dos doutores Salter e Rowson. Laurie compreendia o motivo por que estava a usar aquelas alcunhas, que os uniam num grupo de colegas.

— Porquê?

— Não creio que o Salter queira a sobrinha a socializar com qualquer um de nós.

Laurie sorriu. Se não se estivesse a sentir infelicíssima e desejosa de adiar o seu regresso para junto de Suzanne, e não tivesse já bebido vários copos, talvez não tivesse insistido. Contudo...

— Por «socializar» queres dizer dormir, e por «qualquer um de nós» estás a referir-te a ti?

— Bem — Jamie encolheu os ombros, ligeiramente surpreendido e claramente à procura das palavras por instantes. — Sabe-se lá o que poderá passar pela cabeça daquele bode velho. Terias de lhe perguntar.

— Está bem — disse Laurie.

— Obrigado — suspirou Jamie.

— ... eu pergunto-lhe!

Ela ficou à espera de que ele assimilasse o que ela acabara de dizer e apreciou a sua expressão de choque quando assim foi.

— Ah! Ah! Ah!

— Por amor... — Jamie estava envergonhado e nervoso. Mantinha uma atitude encantadora e vulnerável porque, naquele momento, ela podia optar por prejudicá-lo, disse estava certa.

— Não sou fã de intrigas no escritório — assegurou-lhe Laurie.
— Não vou dizer nada. Não brinques com ela, está bem?

— Não é nada disso, garanto-te — afirmou Jamie. — Estamos apenas a conversar sobre a carreira dela.

— Pois, claro — disse Laurie, deixando o olhar regressar à figura de Eve, que inclinava o queixo, fazendo beicinho ao seu próprio reflexo.

Laurie regressou com um humor pesado ao seu lugar, apenas para ver com alegria que Emily ali estava, e que todos se tinham reunido do outro lado da mesa, para guinchar perante algo a que assistiam no telemóvel de uma das raparigas. Santa libertação. Tendo em conta o volume da música, àquela distância era como se tivessem viajado para o Irão.

— Vim em missão humanitária. Foste atacada pela Suzanne?
— perguntou Emily, enquanto ela fitava o local onde Suzanne estivera sentada ao seu lado.

— Sim.

— Ela é uma filha da mãe de merda, não é?

Laurie sentiu o *Old Fashioned* descer pelo canal errado e tossiu, numa surpresa deliciada, pelo que Emily lhe deu umas fortes pancadas nas costas.

Quando Laurie recuperou a voz, disse:

— Ela fez-me saber que sou uma virgem solteirona e freira bizarra por ter um historial romântico sem sobressaltos.

— Que cabra tagarela. Tanto quanto sei, tem estado a comer o Marcus da KPMG e ele tem uma pila comunitária, pelo que ninguém vai aceitar conselhos da parte dela.

Laurie voltou a engasgar-se com a bebida.

— Tem uma quê?

— Tu sabes... usada sem problemas por todos. De livre acesso. Um recurso público.

Laurie conseguiu parar de rir tempo suficiente para dizer:

— Ah, e a Carly perguntou-me onde é que faço este bronzado St. Tropez. — Deslizou uma mão pelo braço e depois acenou-a em frente ao rosto, como se fosse um leque.

— O quê?! Mas ela é cega ou racista? Ou uma racista cega? Oh, Loz, desculpa. Os clientes adoram-nas, por isso tenho de as aguentar. Por que raio é que as pessoas más têm de ser boas nos seus trabalhos?

Laurie riu-se e lembrou-se da razão pela qual dizia tantas vezes que sim a Emily. Concluiu que havia uma grande verdade no facto de as amigadas mais próximas serem uma espécie de romances platónicos. Emily era uma executiva de topo, aventureira do *Tinder* e rainha dos encontros casuais; Laurie era séria, estável e constante. No entanto, essas diferenças deixavam-nas infinitamente fascinadas uma com a outra.

Continuavam a ter sentido de humor, um detetor de mentiras apurado e prioridades em comum.

Emily abriu uma mortalha e pousou-a na mesa, dispondo sobre ela com os seus dedos elegantes uma fina fiada de tabaco. Emily já fumava tabaco de enrolar quando se conheceram e costumava empoleirar-se na janela do quarto de Laurie na residência universitária, com uma garrafa de *Smirnoff Moscow Mule* numa mão e um cigarro na outra.

— Pois a mim perguntou-me quem me fez o trabalho — disse Emily.

— Trabalho? — perguntou Laurie.

— Trabalho. — Emily afastou as mãos do cigarro em construção e repuxou as bochechas, ao mesmo tempo que apertava os lábios num beicinho enrugado.

— Não posso... Não tens ar de quem tenha feito fosse o que fosse!

E era verdade, embora Emily sempre tivesse parecido fisicamente extraordinária, na opinião de Laurie. Era baixa, com curvas de ouro (o que se devia à *pintura* profissional) e tinha o rosto de

uma boneca Blythe ou desenho animado manga: olhos enormes e muito afastados, nariz minúsculo, boca ampla de lábios cheios. O conjunto era enganador, pelo que não era expectável que usasse uma linguagem de estivador e tivesse os apetites de um pirata. Os homens apaixonavam-se loucamente por ela quase todas as semanas.

— Hum-hum. Cerca de um mês depois de ter chegado. Senti-me tentada a despedi-la nesse instante. Mas ela teria corrido todas as agências a dizer que a Emily Clarke a despedira por ter chamado a atenção para alguns reparos cosméticos que tinha realizado e o facto de eu a ter despedido seria encarado como prova de que os fizera e de que sou demasiado vaidosa para esse tipo de troca.

— Que cabra!

— Não é? Ela ainda disse: «Oh, não, quer dizer, achei que tinha sido de muito bom gosto, muito discreto.» A princípio pensei que era uma questão de falta de educação, mas começo a desconfiar que ela é uma verdadeira sociopata.

— Eles andam entre nós — disse Laurie, enquanto acenava com a cabeça e espreitava para o ecrã do telemóvel. Dan não chegara a responder. Ele estava sempre a dizer-lhe que ela devia sair mais vezes e, no entanto, lançara-lhe o nervoso «quando é que voltas para casa?» Entre os casais juntos há muitos anos, era um código para *não chegues tarde e embriagada*, sem a discussão que poderia resultar de o dizer com toda a franqueza.

— Tu sabe-lo melhor do que ninguém, com o teu trabalho.

— Bem, talvez ela tenha razão e eu tenha perdido muita coisa. Como poderei saber? É por isso que se fala em «perder» — disse Laurie, sentindo-se filosófica devido às cinco doses de álcool que já consumira.

— Confia em mim, não perdeste nada. Vou fazer uma pausa das aplicações de encontros amorosos — comentou Emily, puxando a saia pela bainha que lhe apertava as coxas. — Demasiadas fotos enganadoras. O último tipo com quem saí parecia o Jason

Statham nas fotos, e quando eu apareci para o encontro era mais do tipo *Upstart Crow*.

Laurie deu uma gargalhada.

— Ainda és a Tilda? Ainda ninguém te descobriu? Nunca lhes dizes mesmo o teu nome verdadeiro?

— Não. Asseguro-me de que não há faturas à vista, quando vamos para minha casa. Não queres o Clive, 37 anos, *personal trainer* de Loughborough, que aprecia a utilização criativa de *plugs* anais, a seguir-te no *LinkedIn*.

— Creeeedo.

— Ignora a Suzanne. Todos os presentes. — Emily moveu o braço de modo a abarcar a zona de refeições em geral. — Apenas querem aquilo que tu tens. *Todos*.

Hum, pensou Laurie. Estava bastante segura de que havia pelo menos uma pessoa ali que não queria o que ela tinha, mas agradecia a intenção.

— Tu não! — replicou Laurie.

A abordagem utilitária de Emily ao sexo deixava Laurie perplexa. Talvez Emily precisasse de se encontrar com Jamie Carter, e ambos explodissem quando se tocassem.

— Até quero. Sou simplesmente realista o suficiente para saber que o mais certo é que não esteja aqui, pelo que me vou entre-tendo enquanto espero. O que tu tens não é comum, sabes? Nem todas as Lauries encontram o seu Dan, e vice-versa — disse Emily. — Foi como se tivessem sido os dois atingidos por um relâmpago naquela noite, no Bar CaVa.

— E eu que pensava que tinham sido os shots de tequila com sabor a feijão cozido.

Enquanto se ia embora, Laurie apercebeu-se de que a mesa onde Jamie e Eve estavam sentados se apresentava agora vazia. Decerto, tinham passado por ela quando estava a conversar com Emily, desejosos de que ela não os visse sair juntos.

Falar sobre a carreira, o tanas! Como se ele fosse arriscar a possibilidade de ser despedido para lhe falar do curso de Direito em Chester. Como se ele fosse arriscar a possibilidade de ser despedido, se o prémio fosse *algo* menos do que levá-la para casa.

Jamie devia achar que Laurie era ingénuo, ou parva. O problema dos mentirosos, concluíra Laurie depois de uma profunda investigação no seu campo profissional, é que acham sempre que as outras pessoas são menos inteligentes do que eles.

3

Laurie saiu do táxi para a neblina cerrada do final do verão numa rua calma de um bairro agradável, consciente de que, embora os seus próprios sentidos estivessem abafados pela embriaguez, os vizinhos com família estariam deitados nas suas camas a praguejar contra a cacofonia de alguém a sair de um táxi.

O motor a chocalhar, a conversa cantada, o bater de uma porta pesada, o ruído dos saltos altos reservados às grandes saídas a matraquear no passeio.

Há duas semanas, as irmãs da porta do lado tinham conseguido envolver-se por dez minutos numa tal discussão sobre quem vomitara no táxi que Laurie se sentira tentada a sair de casa de pijama e pagar pessoalmente a taxa de limpeza.

Ah, começava a sentir-se velha... Mas quem é que ela estava a tentar enganar? Dan chamava-lhe a «Sra. Pisca-Pisca»². Era a rapariga da residência universitária que mantinha vivos os vasilhinhos de manjerição na cozinha partilhada.

Sussurrando audivelmente «Fique com o troco» ao taxista, baixou-se para passar por baixo do dossel de clematites que pendia sobre o alpendre atapetado de mosaicos, tentando recuperar, às cegas, as chaves nas profundezas da mala, e pensando mais uma vez: *Precisamos de uma luz aqui fora*.

Desde a primeira visita que se sentira encantada com aquela vivenda geminada, de estilo eduardiano e grandes janelas, de tal modo que arruinara qualquer hipótese de negociar o preço ao

² Personagem de *A História da Senhora Pisca-Pisca*, de Beatrix Potter, é um ouriço-cacheiro que vive numa pequena cabana e lava a roupa dos outros animais. [N. T.]

passar pela propriedade, na companhia do agente imobiliário, a tagarelar sobre o quanto a adorava. Compraram-na pelo valor máximo que podiam pagar na altura e, na opinião de Laurie, valia cada centimo.

A sala de estar, como gostava de realçar, era tal e qual a do álbum *Definitely Maybe* dos Oasis, incluindo o vitral, a palmeira envasada e as garrafas de vinho tinto a meio que normalmente se encontravam espalhadas pela sala.

Sob as persianas era visível um brilho amarelo adocicado, pelo que ou Dan deixara o candeeiro aceso para iluminar a sua chegada ou estava a ter mais uma crise de insónias e acabara por adormecer no sofá, com os pés a tremer, e a televisão no canal BBC News 24, com o volume no mínimo.

Laurie sentiu uma pequena torrente de amor por ele, e esperou que estivesse acordado. Embora o sentimento fosse verdadeiro, ela sabia que também se devia, em parte, ao facto de ter passado uma noite difícil, rodeada por estranhos, e de se ter sentido deslocada e com saudades de casa. Num espaço a que não pertencia.

Sendo uma pessoa de origem étnica que crescera em Hebden Bridge, não gostava de visitar muitas vezes esse sentimento. Mesmo numa cidade cosmopolita, tinha de ouvir as desagradáveis piadas: «OH, ADORO O TEU SOTAQUE.» «Não é frequente ouvir uma rapariga de cor com uma pronúncia tão nortenha, a não ser aquela das Spice Girls», dissera-lhe certa vez um cliente mais franco.

Pensou que Dan poderia ter ficado acordado à espera dela, contudo, mal o viu, soube que havia algo de muito errado. Ele ainda estava vestido, sentado no sofá, os pés afastados, a cabeça curvada, as mãos apertadas. O ecrã da televisão estava preto e não havia música a tocar, nem os resquícios de um takeaway.

— Olá — disse ele, numa voz que não soava natural, enquanto Laurie entrava na sala.

Laurie era uma pessoa empática. Quando era pequena dissera à mãe que achava que poderia ser telepática, e a sua mãe, divertida, explicou-lhe que era apenas uma pessoa muito intuitiva em relação às emoções. Laurie tinha, nas palavras o pai, nascido com 40 anos. *Antes disso do que nascer com 19 anos e aí permanecer para sempre*, pensou, embora nunca lho tivesse dito.

O ar estava pesado com algo terrível por dizer, que ela captou com facilidade suficiente para que se sentisse francamente enjoada.

Laurie apertou contra o peito o porta-chaves com o tolo boneco Bagpuss.

— Oh, meu Deus, o que foi? Qual dos nossos pais foi? Por favor, diz-me já. Di-lo depressa.

— O quê?

— Eu sei que são más notícias. Por favor, não deixes acumular mais tensão.

Laurie tinha bebido uns seis ou sete copos ao todo, porém, naquele preciso instante, ficou completa e absolutamente sóbria devido à adrenalina.

Dan parecia confuso.

— Não aconteceu nada a ninguém...

— Oh? Oh! Merda, assustaste-me.

Aliviada, Laurie deixou-se cair no sofá, os braços ao lado do corpo, como uma criança.

Olhou para Dan, enquanto o batimento do seu coração abrandava para um ritmo normal. Ainda assim, ele fitava-a com uma expressão estranha.

Não pela primeira vez, sentiu apreço, um toque de orgulho de posse, ao admirar quão bem lhe ficava o início da meia-idade. Na sua juventude fora um rapazito rechonchudo de aspeto alegre, fofo mas não belo, como a avó de Laurie comentara. E tinha um ligeiro cecear que ele detestava mas que, estranhamente, sempre deixara as mulheres loucas. Laurie adorava-o, desde o primeiro momento em que ele lhe dirigira a palavra. Agora tinha algumas

rugas e alguns fios brancos no seu cabelo castanho-claro, os ossos do rosto tinham-se tornado mais afiados, e crescera. Era aquilo a que as raparigas no trabalho chamavam um Pai Jeitoso. Ou melhor dizendo: seria.

— Não conseguiste adormecer outra vez? — perguntou ela. As insónias dele eram algo recente, relacionadas com o facto de ter sido promovido a diretor do departamento. Terrores noturnos às três da manhã.

— Não — respondeu ele, e Laurie não soube se ele estava a dizer que não, não conseguia dormir, ou não, não era isso.

Laurie fitou-o.

— Estás bem?

— Em relação a deixares de tomar a pílula no mês que vem... Tenho estado a pensar sobre isso, sabes? Fez-me pensar sobre muitas coisas.

— Fez...? — Laurie suprimiu um sorriso de entendida. A atmosfera e a ansiedade faziam agora sentido. *Cá vamos nós*, pensou. Era um momento cliché na passagem para a parentalidade. Pertencia a um drama há muito escrito, que se desenrolava pouco depois de um casal ver as duas risquinhas azuis no teste rápido.

Devemos trocar o carro por um modelo maior? Será vou ser um bom pai? A nossa relação vai continuar igual ao que é agora?

1. Não. De qualquer maneira não tinham espaço lá fora para estacionar uma carrinha.
2. Claro! Talvez pudesse tentar ser um pouco menos sério, mas era isso. Pelo que Laurie se apercebera, os filhos tinham a capacidade de curar automaticamente o excesso de autocomiseração. Pelo menos nos primeiros cinco anos.
3. Sim. Igual, mas melhor! (Na verdade, Laurie não fazia ideia de como responder à última pergunta. Se procriassem, teriam de esperar cerca de duas décadas antes que aquela casa voltasse a pertencer-lhes, e convidar um intruso anão

tirânico e carente para perturbar a sua privacidade e *status quo* agradável era assustador.)

Mas o correto num casal era fingir total segurança em relação a coisas imponderáveis, sempre que a outra pessoa precisava de ser tranquilizada. Se necessário, recorrendo à mentira. Dan podia pagar-lhe quando ela lhe perguntasse, em lágrimas, depois de regressar das compras, se o seu corpo alguma vez voltaria a ser o mesmo.

— Não sei como dizer isto. Tenho estado aqui sentado desde que saíste a pensar nas palavras certas e continuo a não conseguir.

Tratava-se de uma hipérbole, porque Laurie deixara-o a tomar um duche com o rádio *Roberts* a transmitir o jogo de futebol, mas não disse nada.

— Olha — disse Dan. — Cheguei a uma conclusão. Não quero ter filhos. De todo. Nunca.

O silêncio prolongou-se.

Laurie sentou-se mais direita, com algum esforço, dado que os seus sapatos tolos — uns sapatos de tiras prateados, que prendiam no calcanhar, pelos quais se apaixonara na *Selfridges* e que, de acordo com a vendedora «ficam bem com unhas dos pés cor de ameixa» — não a estavam a prender muito bem ao chão.

— Dan — disse ela, com gentileza. — É absolutamente normal teres dúvidas, sabes? Eu sinto o mesmo. Torna-se assustador quando está prestes a tornar-se real. Mas nós conseguimos. Temos tudo controlado. No que diz respeito a ter um filho, damos as mãos e saltamos.

Laurie sorriu-lhe, na esperança de que ele se recompusesse rapidamente. Parecia-lhe uma total inversão de papéis, ele a exigir uma conversa profunda, ela a querer fazer o suficiente para que ele sentisse que estava a ser levado a sério e poder ir para a cama. Dan abria e fechava as mãos, pousadas no colo, sem olhar para ela.

— E sou eu quem tem de o deitar cá para fora — acrescentou Laurie. — Não penses que ainda não procurei no *Google* «rasgões de terceiro grau».

Laurie apercebeu-se, ao observar a profundidade das rugas no seu sobrolho, de que não seria fácil acalmá-lo com piadas.

Sentiu que estavam a correr a velocidades diferentes, ela levava consigo o ruído e a trivialidade da saída noturna como um enxame de abelhas, ele estava evidentemente a passar por um período de reflexão, a olhar para as sombras da réplica de Edward Hopper que tinham sobre a lareira, preocupado com o futuro.

— Não são só os filhos. Não quero nada do que tu queres. Não quero... isto.

Ele olhou em redor da sala, acusadoramente.

O soalho de madeira?

— Como assim?

Dan inspirou e expirou, como se se preparasse para um feito extenuante. Mas não se seguiram quaisquer palavras.

— Queres adiar mais alguns anos? Falámos sobre isto. Tenho 36 anos e pode demorar. Não queremos perder tempo mais tarde com intervenções. Lamentar não ter já começado... como diz a Claire. Se ela soubesse como ia ser espantoso, teria começado aos 20.

Invocar este membro do seu círculo social em particular foi um tolo passo em falso e Laurie arrependeu-se de imediato.

Claire era, ao mesmo tempo, muitíssimo maçadora em relação à sua prole e uma chata em geral. Ironicamente, se não tivessem de a aturar, era provável que já se tivessem reproduzido. Os encontros com ela terminavam frequentemente com um deles a murmurar: «Dizias-me se eu alguma vez ficasse assim, certo?»

— Sabes o que dizem. Nunca existe uma altura perfeita para ter um bebé — acrescentou ela. — Se tu...

— Laurie — interrompeu-a Dan —, estou a tentar dizer que não queremos as mesmas coisas e, por isso, não podemos estar juntos.

Laurie arquejou. Estaria ele a dizer uma coisa tão feia e ridícula só para fazer passar a sua mensagem? Depois deu uma pequena gargalhada vazia, quando percebeu: era revelador do quanto os homens conseguiam temer a maturidade. Não devia ser nenhuma novidade para ela, tendo em conta o seu próprio pai, e, no entanto, sentia-se enormemente dececionada com Dan.

— Vá lá, vais mesmo transformar isto numa emergência em grande escala e obrigar-me a dizer que ter uma família é fundamental para mim, ou algo assim? Para que a culpa seja toda minha quando nos fizer acordar cinco vezes de seguida?

Dan olhou para ela.

— Não sei de que outra maneira dizer isto. Não sou feliz, Laurie.

Laurie inspirou e expirou: Dan não estava a fazer *bluff*, queria que ela lhe dissesse com todas as letras que não tinha deixado de tomar a pílula. Só podia esperar que pudessem visitar a ideia daí a um ano. Estava consciente de que isso poderia significar que a sua janela de oportunidade se fechasse por completo. E podia acabar por se ressentir de Dan. Não iria enganá-lo, fingindo estar a tomar a pílula quando não estava e *ups!* Fora assim que Laurie fora concebida e sabia que as consequências eram duradouras.

— É só porque eu quero filhos?

Retiraria a questão de cima da mesa para ficar com ele, soube-o numa fração de segundos. Era impensável fazer qualquer outra coisa. Não se perdia alguém que se amava por um amor hipotético por alguém que ainda não existia. Que podia nunca existir.

— Isso. Outras coisas. Não estou... Laurie, já não é aqui que quero estar.

— Certo — disse ela, esfregando o rosto cansado, sentindo-se chocada por quão radical ele estava preparado para ser, de modo a levar a sua avante.

Na verdade, sentiu que era capaz de chorar. Já se tinham envolvido em discussões em que um ou outro tinha ameaçado vagamente partir, por norma quando estavam embriagados e ainda

na idiota casa dos 20, e aquele que o dizia sentia-se doente de culpa no dia seguinte.

Fazer aquilo, agora, com a idade deles, era indigno de Dan, por muito que estivesse com dificuldades em encarar as responsabilidades da paternidade. Era muito indelicado.

— Certo, tu ganhas. Por agora, vou continuar a tomar a pílula. Credo, Dan.

Dan olhou para ela com uma expressão chocada, e Laurie estacou, porque uma vez mais, conseguia lê-la.

Ele não estava chocado por ela ter concordado. Aquilo não era um logro. Ele queria a separação.

Laurie compreendeu, por fim. Compreendeu que ele estava a falar a sério, que era aquilo.

Tudo o resto era-lhe absolutamente impossível de compreender.

Quando as pessoas faziam coisas monumentalmente pavorosas a outras, parece que nem sequer tinham a decência de ser originais, de infligir uma ferida de guerra única, uma cicatriz em forma de relâmpago. Essas razões eram prosaicas, aborrecidas. Aconteciam constantemente a toda a gente, mas não se aplicavam a Dan e Laurie. Eles iam ficar juntos para sempre. Tinham concordado com isso mesmo abertamente, enquanto adolescentes apaixonados, e tinham-no confirmado implicitamente em cada escolha tomada desde então. Nenhum compromisso precisava de ser confirmado ou repensado, era apenas: *Claro. Tu és meu e eu sou tua.*

— Mas nada mudou — disse Laurie. — Somos como sempre fomos.

— Acho que isso é parte do problema.

A mente de Laurie estava a ocupar dois fusos horários ao mesmo tempo: aquele pesadelo surreal onde o seu parceiro de 18 anos, o seu primeiro e único amor, o seu melhor amigo, a sua «outra metade», estava sentado ali a dizer coisas sobre como dormiria para já no quarto de hóspedes e que se mudaria para um apartamento assim que possível. Ela teria se o aceitar, porque ele estava absolutamente decidido. Era como se estivesse a ser conivente com alguém que enlouquecera em relação a um mundo onírico. *Segue o coelho.*

Depois havia o outro fuso horário, aquele em que tentava desesperadamente dar sentido à situação, geri-la e desarmá-la. Ele só estava a usar palavras — não tinha ocorrido nenhuma alteração

tangível, irreversível. Como tal, as palavras podiam ser alteradas de novo.

Ela exercera sempre um poder especial sobre Dan, e vice-versa, fora por isso que se apaixonaram um pelo outro. Se queria afastá-lo daquele precipício, decerto seria capaz. Bastava-lhe tentar com afincos suficientes, para encontrar uma forma de o persuadir.

No entanto, para resolver a situação, tinha de perceber o que se estava a passar. Laurie orgulhava-se da sua capacidade de ler as pessoas como se fosse um mágico, mas a pessoa que lhe era mais próxima parecia-lhe um estranho.

— Há quanto tempo te sentes assim? — perguntou.

— Há algum — respondeu Dan, e embora o seu corpo ainda mostrasse tensão, Laurie reparou que ele tinha relaxado bastante. Tendo sido feito o anúncio, para ele o pior já passara. Ela odiou-o por um segundo. — Acho que tive a certeza no casamento do Tom e da Pri.

— Oh, foi por isso que passaste a noite toda amuado, foi? — respondeu Laurie. E apercebeu-se da loucura daquele tipo de contabilização, quando o jogo tinha sido cancelado. Ele não levaria aquilo até ao fim. De certeza.

O estômago de Laurie revolveu-se. Era absolutamente ridículo levá-lo a sério e loucamente imprudente não o fazer.

Dan emitiu um som silvado, abanou a cabeça. Se a sua desilusão era dirigida a Laurie ou a si mesmo, não era claro.

— Percebi que toda aquela confusão do casamento não era para mim. Soube que não era aí que estava, mentalmente.

Uma recordação dolorosa ensombrou Laurie, porque afinal os seus sentidos não lhe tinham falhado.

Lembrou-se de que os casais presentes tinham sido arrastados pelo DJ para participarem na «primeira dança depois da primeira dança». Ela e um Dan meio inebriado e amuado foram obrigados a dançar uma valsa ao som de Adele. Na altura, sentira uma total ausência do que quer que fosse entre eles, nem mesmo um

à-vontade confortável no toque um do outro, em substituição de uma corrente elétrica. Era como se a bateria tivesse morrido e, ao carregar no acelerador, não se ouvisse mais do que um *puf-puf-puf* vazio. Deslizaram desajeitadamente pela pista, como irmão e irmã, sem cruzarem o olhar. Assim que a canção terminou, Laurie esqueceu o episódio, atribuindo a reação de Dan ao facto de este não gostar de *Someone Like You* ou que lhe dissessem o que fazer.

Tinha fingido adormecer no táxi, a caminho de casa, numa demonstração passivo-agressiva. Laurie sentia-se como se tivesse cometido um crime não especificado durante todo o dia, mas quando lhe perguntou «O que se passa contigo?», recebeu como resposta um beligerante «... NADA?».

Contudo, os dias maus numa relação de longo prazo eram um dado garantido. Não se pensava que poderiam anunciar o fim, tal como não se temia que qualquer constipação fosse cancro.

— Há mais alguém? — perguntou Laurie, não porque o achasse possível, mas porque era suposto perguntá-lo, não era? Nesta bizarra peça que estavam a desempenhar, por insistência de Dan. Trabalhavam juntos... até mesmo na prática parecia improvável.

— Não, é claro que não — disse Dan, soando genuinamente insultado.

— Acho que não tens o direito de me vir com um «É CLARO QUE NÃO», não te parece? — guinchou Laurie, a raiva à flor da pele, levando Dan a estremecer. — Acho que o «É CLARO QUE NÃO» está francamente indisponível neste momento de merda, não achas? Deixámos de ter uma qualquer realidade partilhada, pelo que vejo, por isso podes ir à merda com os teus «É CLARO QUE NÃO» paternalistas.

Dan não estava nada habituado a vê-la tão incandescentemente furiosa. Na verdade, na última vez que alcançara tais altitudes tinham 25 anos e ele perdera as chaves do carro dela, no Festival de Glastonbury. No entanto, mais tarde, tinham rido sobre

o episódio, tendo-o transformado numa anedota. A comédia era a tragédia vista através da lente do tempo, mas jamais conseguiriam um distanciamento suficiente para tornar o momento de agora divertido.

— Desculpa — disse ele, baixinho. — Mas não. Como sempre dissemos. Traição, nunca.

— Nunca? — A confirmação foi pedida com uma entoação que mostrava dúvida.

— Sabes aquilo que combinámos. Eu dir-te-ia.

Laurie encolerizou-se, sentia o peito apertado e tentou respirar. A falta de tato e de gosto de Dan ao usar coisas que tinham prometido um ao outro, com sinceridade, há uma vida. Naquele momento estava a destruir essa recordação — e todas as outras recordações, já agora — ao mesmo tempo que pedia a Laurie que as tratasse como um pacto sagrado. Que idiota.

Seria ele um idiota? Ter-se-ia ele transformado num, algures pelo caminho, sem que ela dissesse se tivesse apercebido? Estudou-o, enquanto ele fitava demoradamente os joelhos peludos, a expressão como a de um Mumin ameaçador.

Não importava. Ela amava-o. Há muito tinham passado o ponto em que o seu amor era negociável; não dependia de ele não ser um idiota. Ele era o idiota dela.

Pelo menos Laurie tinha passado desse ponto. Dan tinha alcançado um ponto paralelo, onde a podia abandonar. Era isso que lhe parecia: um abandono desolado. Ele deixaria de se preocupar com Laurie a partir de agora? Não, não, ele desejava-a. Laurie sabia dentro de si que assim era, razão pela qual aquilo tinha de parar antes que ele provocasse mais danos.

— Mas temos de ficar na mesma empresa juntos. Como raio é que isso vai funcionar?

Dan e Laurie conseguiam alguns graus de separação na Salter & Rowson por trabalharem em departamentos diferentes, mas quando se tornassem ex, isso não seria suficiente.

— Posso começar à procura de outro emprego. Posso abandonar tudo. Ainda não tenho a certeza.

— Sinceramente, Dan, continua a parecer que estás assustado com a possibilidade de termos um bebé e decidiste lançar uma bomba nuclear a partir do espaço para resolver o problema — disse Laurie, numa derradeira tentativa de os devolver a um qualquer tipo de normalidade. — Tu não queres ir a lado nenhum, por amor de Deus. Não te deixariam continuar à frente do departamento. E odiaste a semana em Santorini, no ano passado.

Enquanto falava, Laurie perguntou-se se o elemento em falta naquela análise não seria que a tinha odiado *com ela*.

— Ter filhos é apenas uma parte. O motivo que me fez agir em relação ao que sinto é que não se pode voltar atrás numa decisão como essa, não se pode deixar de ter um bebé. Obrigou-me a decidir. Não quero esta vida, Laurie, lamento. Sei que é um choque depois de todo este tempo. Também me sinto chocado. Foi por isso que demorei tanto tempo a admiti-lo. Mas não o quero.

— Tu não me queres?

Uma pausa pesada, durante a qual Laurie sentiu que Dan se estava a preparar para o dizer.

— Não assim.

— Então como?

Dan encolheu os ombros e pestanejou através das lágrimas.

— A palavra que estás à procura é não — disse Laurie.

As lágrimas corriam pelo rosto dela e ele começou a levantar-se, o que a levou a gesticular freneticamente: *Não te aproximes de mim*.

— Hã... só tenho, sabes, uma pequena objeção — disse ela, a voz carregada e distorcida pelo choro. Era ambicioso tentar assumir um tom sarcástico. — Como é que vou ter filhos com alguém agora, Dan? Tenho 36 anos.

— Ainda podes ter! — disse ele, implorando, acenando com a cabeça. — Isso não é ser velho, hoje em dia.

— Com quem? Quando? Vou conhecer alguém para a semana? Começar a tratar da conceção poucos meses depois disso?

— Vá lá. És *tu*. És um partido e tanto, sempre foste. Não te faltarão ofertas. Serás inundada.

Laurie acabou por aceitar, nesse momento, que aquilo era real, que poderiam, de facto, ter terminado.

Dan tivera sempre uma dose normal e saudável de ciúme masculino. Quando muito, acima da média: ele sempre tivera a certeza de que, se havia alguém que seria roubado por um rival, seria Laurie. Os amigos dele que a cumprimentavam na presença de Dan ouviam sempre um «Então...», que era pronunciado em tom de brincadeira, mas dito muito a sério. As contratações do sexo masculino para a empresa recebiam sempre um aviso de que, embora ela não tivesse uma aliança, não era solteira e, além disso, o tipo também trabalhava lá, por isso *cuidado*, e sempre presumira que o aviso era dado por Dan ou pelos seus representantes. (De qualquer modo, ela nunca tivera de dizer a ninguém que estava «comprometida», pois diziam-lhe sempre «Oh, és a namorada do Dan Price». Engaçada a frase. Porque havia alguém de falar *por si*?)

Se a ideia de que ela pudesse ter filhos com outra pessoa recebia aquele encolher de ombros, aquela *autorresposta* medíocre, então, algo se perdera.

— Então, sou assim um partido tão bom e vais deixar-me ir?

— Passámos toda a nossa vida juntos, Laurie, foste a minha única namorada a sério. Não estou propriamente a virar as costas com leviandade, nem se trata de nunca me ter preocupado.

Laurie tinha sido apanhada desprevenida. Ele planeara aquilo. Ele era o político que se fazia acompanhar pelos dados todos; ela sofrera uma emboscada.

Laurie continuava a não conseguir acreditar que ele não estivesse a exagerar de alguma maneira, mas estava perante um aspeto contraditório terrível: se ele podia dizer aquilo e não ser absolutamente sincero, isso tornaria as coisas ainda piores.

Para Laurie havia um fosso enorme, estonteante, em tudo aquilo. Um mistério por desvendar na forma como Dan passara de abrir a encomenda do supermercado Ocado e de se queixar das simples bolachas digestivas que receberam em substituição dos *Jaffa Cakes*, irem beber as suas canecas de cerveja no *pub* local e rir dos cães com sobremordida em Beech Road Park no domingo de manhã, a esta partida final e absoluta, sem nada pelo meio.

Era como se estivesse a correr para o autocarro e, de repente, acordasse numa cama de hospital, o lençol plano onde deveriam estar as suas pernas, com um médico a explicar que lamentava muito, mas não tivera como salvá-las.

— É bom saber que dantes te preocupavas — disse ela, percebendo quão chorosa e amarga soava a sua voz na sala de estar escura. — Pequenos sinais de compaixão? Ou essa deveria ser uma grande mostra de compaixão?

— Eu preocupo-me.

— Mas não o suficiente para ficar. — Dan fitou-a, inexpressivo. — Di-lo — pediu Laurie com veemência.

— Não.

Era a conclusão lógica de tudo o que Dan dissera; e, no entanto, aquele monossílabo duro surpreendeu-a tanto como se ele a tivesse esbofeteado.

**Ela quer dar um novo rumo à sua vida.
Ele quer progredir na carreira.
Juntos têm o plano perfeito.**

Quando o seu namorado de longa data decide terminar a relação, Laurie sente-se perdida, em grande parte porque trabalham no mesmo escritório de advogados e ela é obrigada a vê-lo todos os dias. Como se não bastasse o enorme desafio de recomeçar a sua vida, a humilhação de Laurie aumenta quando descobre que a nova namorada de Dan está grávida. Mas não tardará a que o destino lhe ofereça uma nova oportunidade, quando fica presa num elevador com o seu atraente mas mal-afamado colega Jamie Carter.


Jamie não acredita no amor, mas precisa de uma namorada séria e respeitável para impressionar os chefes e conseguir chegar a sócio da empresa. Laurie quer um homem encantador ao seu lado para demonstrar que já ultrapassou a separação. Assim surge o plano ideal: um romance a fingir que se desenrola nas redes sociais, com fotografias estrategicamente encenadas e uma data de fim bem definida. Diante dos colegas, Laurie e Jamie conseguem fazer passar a ideia de serem um casal perfeito e apaixonado. Mas o que teve início como uma encenação bem delineada começa a transformar-se em algo muito mais real.



Não perca também, da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt

  [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

ISBN 9789896234416



9 789896 234416 >